

O cuidado da criança nos primórdios da educação grega: semelhanças e contrastes com a educação hebreia

Child care in the beginnings of Greek education: similarities and contrasts with Hebrew education

Por Milton Luiz Torres

Pós-Doutor em Estudos Literários (UFMG)

Doutor em Arqueologia Clássica (Universidade do Texas)

Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

miltntorres@yahoo.com

Resumo:

Este artigo examina o cuidado da criança nos primórdios da educação grega. Com base em uma análise dos mais antigos textos da cultura grega, os épicos de Homero, apontam-se as evidências de que a educação grega, desde o início, contemplou o cuidado para com a criança. Quando comparada com a educação hebreia que lhe era contemporânea, a educação grega demonstra uma preocupação semelhante com o cuidado infantil, com a vantagem de fazê-lo de forma mais sistemática e abrangente. Além disso, embora alguns estudiosos afirmem que a preocupação com o cuidado da criança seja tardia entre os gregos, tendo iniciado apenas com Platão no período clássico (século V a.C.), esses autores não levam em consideração que a tradição épica reflete uma cultura muito anterior a sua cristalização como tradição escrita. Conforme praticada na cultura micênica, estabelecida na Grécia desde o século XV a.C., a educação grega coloca-se lado a lado com as mais antigas práticas educacionais de que se tem notícia.

Palavras-chave:

Paideia. Educação grega. Educação hebreia.

Os historiadores nos informam que, “desde a época de Abraão, algumas nações estavam desenvolvendo sistemas educacionais”¹. Na Suméria, a pátria de Abraão, havia escolas que treinavam escribas para o trabalho nos templos, palácios e comércio. Esse tipo de ensino não era obrigatório e, além disso, custava caro. Estudavam-

Abstract:

This paper addresses child care in the beginnings of Greek education. Based on an analysis of some of the most ancient texts among the Greeks – the Homeric epics – evidence is provided that Greek education from its inception contemplated child care. When compared to its contemporary Hebrew education, Greek education shows a similar concern for child care, with the additional advantage of being more systematic and inclusive. Besides, despite the fact that some scholars state that such concern for child care was late among the Greeks – originating only with Plato in the Classical period in the fifth century before Christ – these authors fail to notice that Greek epic tradition goes back to a culture that is much older than the crystallization of epic poetry in written form. As it was practiced by the Mycenaean since the fifteenth century before Christ, Greek education can be put side by side with the oldest educational practices we know of.

Keywords:

Paideia. Greek education. Hebrew education.

se várias disciplinas: botânica, geografia, matemática, gramática e literatura. As escavações arqueológicas nos revelaram inúmeros tabletes de argila com os exercícios copiados pelos alunos e as correções feitas pelos professores. Em um palácio em Mari, duas salas de aula foram escavadas com carteiras e bancos quase intactos. Havia também um sistema similar no Egito, onde as escolas tinham uma conexão íntima com os templos.

¹ ALEXANDER, Pat (Ed.). *The Lion encyclopedia of the Bible*. Edição revista. Herts, Inglaterra: Lion Publishing, 1987. p. 245.

Quando os israelitas se estabeleceram na Palestina, a ideia básica de sua educação era o conhecimento de Deus. O estudo deveria conduzir ao louvor (Sl 8). Entre eles, a educação das crianças assumiu uma posição de destaque e era dever dos pais certificar-se de que seus filhos receberiam educação adequada. Entretanto, “o conteúdo dos ensinamentos era quase que exclusivamente religioso”². O Pentateuco e a literatura sapiencial se tornaram a base desse sistema educacional incipiente. Contudo, essa educação era principalmente verbal e as primeiras menções de escolas destinadas às crianças israelitas só começam a ocorrer a partir de 75 a.C., justamente quando os judeus sofreram uma forte influência dos gregos³. Pouco tempo depois, as sinagogas assumiram um papel importante na educação formal das crianças. O caso de Samuel, que, ainda criança, se transferiu de sua casa para o templo a fim de receber educação especial, parece ter sido excepcional. Desde o século VIII a.C., havia, na Palestina, escolas para escribas⁴ e jovens de uma idade mais madura podiam formalmente se tornar discípulos dos profetas, mas o costume de colocá-los sob a tutela de grandes rabinos só se desenvolveu após o retorno do cativo babilônico.

Há evidências arqueológicas da presença de escolas primárias gregas na Palestina a partir do século III a.C.⁵ Uma escola grega para adultos foi também estabelecida em Jerusalém desde 167 a.C., mas os judeus relutaram, durante certo tempo, em aceitar o seu currículo, uma vez que o ginásio grego exigia que os jovens se despiassem para praticar os exercícios físicos.⁶ Apesar disso, na época de Jesus, a educação grega já era famosa no mundo todo e era praticada com entusiasmo na Palestina. A educação grega (*paideia*) foi a mais sofisticada

tentativa de sistematizar o ensino formal na Antiguidade. Sua eficiência fez daquele povo um dos mais desenvolvidos política e culturalmente de todas as épocas. Além disso, quando adotada quase que em sua totalidade pelos romanos, tornou-os tão instruídos e preparados quanto seus antecessores helênicos. Além disso, “o campo da educação situa-se entre aqueles nos quais a importância do legado da Grécia é mais claramente evidente na história da civilização ocidental”,⁷ influência essa reforçada pelas sucessivas renascenças: carolíngia (séc. XII) e humanista (séc. XV e XVI). A *paideia* grega conseguiu unir, de forma admirável, as dimensões prática e teórica, o concreto e o abstrato. Por isso, Eurípides afirma, em **Andrômaca** 683-684, que “a experiência (*homilia*) é o melhor professor”. De fato, para o grego, sabedoria (*sophia*) era a junção dos elementos práticos e teóricos no dia a dia do cidadão, capacitando-o para a vida com virtude (*aretê*) e técnica (*technê*). O grau de formalização e sistematização da educação grega é tão elevado que não se pode, com justiça, compará-la com os incipientes modelos educacionais que lhe foram contemporâneos. Beavis⁸ apresenta três razões por que considera que a expansão do cristianismo se deveu grandemente ao fato de que as crianças cristãs continuaram a frequentar as escolas gregas e a só raramente optarem pela sinagoga judaica ou escola exclusivamente cristã: em primeiro lugar, as escolas gregas continuaram proporcionando ascensão social aos conversos; em segundo lugar, a retórica aprendida nessas escolas se tornou instrumental para que os cristãos pudessem apresentar uma boa defesa de sua fé; e, finalmente, em vez de se retirar para ambientes exclusivamente cristãos, as crianças cristãs continuaram a testemunhar corajosa e continuamente de sua fé no ambiente intelectualmente desafiador das escolas gregas.

Por isso, o objetivo, aqui, não é abordar aspectos da educação, na Grécia clássica, período em que a *paideia* chegou a seu desenvolvimento

² ALEXANDER, 1987, p. 246.

³ ALEXANDER, 1987, p. 246.

⁴ KOSKENNIEMI, Erkki. Moses, a well-educated man: a look at the educational idea in early Judaism. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha*, v. 17, n. 4, p. 281-296, 2008. p. 291.

⁵ HENGEL, Martin. *The 'Hellenization' of Judaea in the first century after Christ*. Londres: SCM, 1989. p. 22; HÉSIOD. *Judaism and Hellenism: studies in their encounter in Palestine during the early Hellenistic period*. 2. ed. em um só volume. Minneapolis: Fortress Press, 1991. p. 75-76; KOSKENNIEMI, 2008, p. 292.

⁶ ALEXANDER, 1987, p. 247.

⁷ MARROU, H.-I. Educação e retórica. In: FINLEY, M. I. (Org.). *O legado da Grécia: uma nova avaliação*. Tradução: Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 209. (p. 211-228)

⁸ BEAVIS, Mary Ann. “Pluck the rose but shun the thorns”: the ancient school and Christian origins. *Studies in Religion*, n. 29, p. 411-423, 2000. p. 421-422.

máximo, mas responder a duas críticas que lhe são dirigidas por aqueles que advogam a superioridade da educação dos hebreus em relação à educação grega⁹: que os gregos não se preocuparam com a educação infantil e que a educação grega surgiu tardiamente, isto é, no período clássico (séculos VI a V, antes de Cristo).

1. A Educação na Grécia Clássica

Marrou divide a educação da Grécia antiga em cinco períodos: o micênico (séc. XVI-XII a.C.), o médio (séc. XI-IX), o heroico (séc. VIII-VII), o clássico (séc. VI-V), o helenístico (séc. IV-III) e o romano (depois do séc. II a.C.)¹⁰. Obviamente, o período clássico representa o apogeu dos desenvolvimentos educacionais da Grécia antiga. Foi nesse período que houve um nivelamento democrático da educação e os ideais da *paideia* se materializaram de forma mais visível: o pendor atlético, a ênfase artística (principalmente através da poesia e da música), a atenção à gramática, a crescente importância atribuída à literatura, a subordinação da instrução à educação, o surgimento de uma noção de currículo (incluindo aritmética, geometria, acústica, astronomia, literatura, retórica e dialética) e a criação de duas etapas de aprendizado (quadrívio científico e trívio literário). Nesta época, os gregos também se depararam com os primeiros desafios ao aprendizado. Diante da recusa ou dificuldade que uma criança demonstrava para aprender, recorreram a duas estratégias: a punição física¹¹ e o espaçamento dos graus de instrução, “indo do simples ao complexo, estudando sucessivamente os diferentes elementos que haviam sido analiticamente caracterizados na estrutura da linguagem escrita”¹². Com efeito, os gregos desenvolveram um método mecânico de alfabetização que possibilitava que uma criança aprendesse a ler e escrever em pouco mais de três

anos. A admissão à escola era aos sete anos de idade¹³ e a instrução ocorria pela manhã, durante todo o ano, sem férias, excetuando-se os dias de festival.¹⁴ Platão (**Protágoras** 326 C) nos diz, contudo, que aqueles que podiam colocavam seus filhos na escola na mais tenra idade, mantendo-os lá o máximo de tempo possível. A instrução podia realizar-se na casa do professor, em um cômodo alugado ou em praça pública (*ágora*). Platão (**Protágoras** 315 C) ainda nos diz que, embora tivesse geralmente condição servil, o professor era tão estimado pela sociedade clássica que sua cadeira, nas escolas gregas, era chamada de “trono” (*thronos*). Um escravo, denominado “pedagogo”, acompanhava o aluno ao lugar da aula e ali permanecia durante a mesma.¹⁵

No século III a.C., Lico (*apud* João de Damasco, **Florilégio** 2.140) costumava dizer que a educação (*paideia*) é “um santuário inviolável” (*hieron asylon*). Como reflexo desse sentimento, os gregos produziram brilhantes tratados sobre a educação. Desses, os mais famosos são **A república** e **As leis**, de Platão. Na primeira obra, o filósofo expõe seu ideal para a educação de adultos voltada para a cidadania. Na segunda, Platão se ocupa em dar sugestões pertinentes à educação das crianças. “Em Platão é a *paideia* a primeira e a última palavra”.¹⁶ Em seu diálogo **Timeu**, Platão chega a ensinar as mães a acalentar os filhos recém nascidos. De acordo com Brooks¹⁷, mesmo sem ser esse o foco principal de **A república** (377), “Platão insiste que a educação das crianças deve ter início em sua idade mais tenra. Por quê? Porque é então que a alma impressionável da criança pode ser moldada para tomar a forma que se deseja imprimir nela”. Para Platão, a educação deve continuar a vida

¹³ MARROU, 1956, p. 142.

¹⁴ CARCOPINO, Jerome. *Daily life in ancient Rome: the people and the city at the height of the Empire*. New Haven: Yale University Press, 1940. p. 5; MARROU, 1956, p. 148-149; BONNER, 1977, p. 137-139; BEAVIS, 2000, p. 413.

¹⁵ BONNER, 1977, p. 37.

¹⁶ JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 4. ed. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 1296.

¹⁷ BROOKS, Barbara H. *An examination of the influence of Socrates and three ancient mystery schools on Plato, his future theories of the soul, and spirit, and system of soul-centered education as portrayed in his Republic with educational implications for today*. Tese de Mestrado. Departamento de Filosofia da Educação. McGill University, Montreal: 1997. 103 f. p. 57.

⁹ SAMPSON, Robin. *The heart of wisdom teaching approach: Bible-based homeschooling*. Heart of Wisdom, 2005. p. 21-28; 117-130.

¹⁰ MARROU, 1998, p. 211-212.

¹¹ MARROU, H.-I. *A history of education in Antiquity*. New York: Sheed & Ward, 1956. p. 158-160; BONNER, Stanley F. *Education in ancient Rome: from the elder Cato to the younger Pliny*. Londres: Methuen, 1977. p. 143-145.

¹² MARROU, 1998, p. 215.

toda e, por isso, recomenda, inclusive, que, aos dez anos, as crianças sejam enviadas para o campo a fim de escapar das perniciosas influências da cidade e dos maus hábitos dos próprios pais (**A república** 540). Platão defende, ainda, a universalização da educação que deve, portanto, ser oferecida a todas as crianças, independentemente de sexo, condição social ou política (**A república** 415).

Como se percebe, não há como comparar a produção grega, intencionalmente voltada para a pedagogia e sistematicamente organizada para incluir teoria e prática, com as referências esparsas à educação infantil, encontradas na Bíblia Hebraica. Esta não é um tratado pedagógico. Sua preocupação dominante é inculcar no ser humano, quer adulto quer criança, os valores do monoteísmo. A sabedoria hebraica nesse aspecto é indiscutível. No entanto, é preciso frisar que, por mais benéficos e úteis que sejam os preceitos exarados na Bíblia Hebraica, não há sistematização e os elementos práticos e concretos predominam absolutos sobre os elementos teóricos e abstratos.

Apesar da inegável importância das obras da história da educação que foram escritas no século XX, as conclusões de Marrou, Carcopino e outros têm recebido intensa oposição da recente história da educação por duas falhas: sua compreensão monolítica da educação grega e sua dificuldade de compreender a abrangência e o impacto da educação grega no mundo antigo e no Cristianismo incipiente. Essas críticas têm partido principalmente de estudiosos como Robert S. Dutch¹⁸, Alan Booth e Robert Kaster.¹⁹ Segundo Jaeger²⁰, “não é possível descrever em poucas palavras a posição revolucionária e solidária da Grécia na história da educação humana”. Na visão educacional dos antigos gregos, nenhum indivíduo, ideia ou ideal era estimado além de qualquer possibilidade de questionamento²¹, daí surgindo,

pela primeira vez, uma verdadeira manifestação do senso crítico como parte da educação ocidental. A enorme variedade de métodos e práticas exigiria que falássemos das peculiaridades da educação em Esparta, contrastando-as com a educação em Atenas ou em outra *pólis* grega. No entanto, o que se põe em discussão aqui não é o grau de sofisticação da *paideia* entre os gregos, nem tampouco sua comparação com as exortações educacionais da religião hebraica, mas a antiguidade e a pertinência do ideal grego para a educação das crianças. Portanto, pode-se formular esse questionamento em termos de duas perguntas: quando começaram os gregos a atentar para a educação? E: houve, desde o começo, alguma preocupação específica com a educação das crianças?

2. A educação nos primórdios da Civilização Grega

Não se sabe exatamente quando os gregos começaram a dar atenção à educação. De fato, os primeiros registros que temos da Grécia aparecem no final do séc. XIII e no início do séc. XII, período correspondente àquele que a tradição atribui ao êxodo do povo judeu do Egito para Canaã. Nesse período, “a Grécia se parecia muito com qualquer sociedade do Oriente próximo. Os micênios [como são conhecidos os gregos desse período] eram altamente organizados e, à sua maneira, altamente civilizados. Já falavam o grego, mas, como seus vizinhos do Oriente próximo, usavam um silabário conhecido como ‘linear B’. Eles usavam a escrita para registrar os relatos de uma organização estatal complexa e extremamente hierárquica”.²² No final do século XII, por alguma razão ainda incompreendida, a sociedade micênica entrou em declínio. Os gregos mantiveram sua língua e sua identidade cultural, mas só voltaram à proeminência no século X. No século seguinte, adotaram o alfabeto fenício e materializaram, de forma escrita, a sua extensa produção literária,

¹⁸ DUTCH, Robert S. *The educated elite in 1 Corinthians: education and community conflict in Graeco-Roman context*. Londres: T&T Clark, 2005.

¹⁹ BOOTH e KASTER *apud* ADAMS, Edward. Book review: the educated elite in 1 Corinthians. *Journal for the Study of the New Testament*, n. 29, p. 238-241, 2006.

²⁰ JAEGER, 2001, p. 7.

²¹ CHOU, Mark; BLEIKER, Roland. The symbiosis of democracy and tragedy: lost lessons from ancient Greece.

Millennium: Journal of International Studies, n. 37, p. 659-682, 2009. p. 666.

²² OSBORNE, Robin. *Greece in the making: 1200-479 b.C.* Londres: Routledge, 1996. p. 3.

iniciando com a **Iliada** e a **Odisseia** (atribuídas a Homero)²³.

Os registros que temos do período micênico incluem numerosos tabletas escavados principalmente em Pilos e Cnossos. O “linear B” foi decifrado, em 1952, por Michael Ventris, o que nos possibilitou certo acesso àquele período. Trata-se, principalmente, de inventários de rebanhos, terras e oferendas aos templos²⁴. Os textos têm pouca imaginação, mas oferecem alguns indícios da religião e organização político-social dos gregos naquele período.²⁵ Os gregos do período micênico organizaram-se sob uma monarquia centralizada que dependia de uma administração bastante burocrática, que privilegiava os nobres, os guerreiros, os sacerdotes e os artesãos. Infelizmente, os tabletas nada falam sobre a educação dos gregos nesse período. Porém, pode-se imaginar que essa dimensão não era negligenciada uma vez que a escrita e a aritmética eram dominadas por um grande número de pessoas. Ironicamente, a descoberta dos tabletas e rótulos escritos em “linear B” se deveu principalmente ao costume das mulheres gregas, no século XIX, de usarem tais antiguidades como amuletos para garantir a produção suficiente de leite materno. Por essa razão, os tabletas foram popularizados sob a denominação de *galópetres*, isto é, “pedras de leite”.

O pouco interesse dos tabletas pelo tema da educação infantil não nos impede, porém, de acessar aquele período remoto da civilização grega. As primeiras obras que nos chegaram fazem descrições que remontam à era micênica. Ou seja, embora essas epopeias tenham sido colocadas em forma escrita pelo menos 400 anos depois da Guerra de Troia (ocorrida no século XIII ou XII a.C.), elas são o produto de uma tradição oral que remonta a esse período. Assim, mesmo não

podendo contar com os tabletas e inscrições em “linear B” para obtermos um retrato do cuidado com a criança nos primórdios da cultura grega, podemos depender dos relatos das epopeias homéricas para termos um vislumbre daquele período.

De acordo com Aulo Gélío (**Noites áticas** 13.17), um advogado romano do século II A.D., desde o início, a *paideia* grega significou a educação do homem de acordo com a verdadeira forma humana, o seu autêntico ser. Jaeger faz uma exposição detalhada da educação nos primórdios da civilização grega. Segundo esse autor, “o início da história grega surge como princípio de uma valoração nova do homem, a qual não se afasta muito das ideias difundidas pelo Cristianismo sobre o valor infinito de cada alma humana nem do ideal de autonomia espiritual que desde o Renascimento se reclamou para cada indivíduo”²⁶. Os gregos usaram a educação para formar “verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras”²⁷. Talvez alguém possa estranhar que, em uma obra tão extensa e detalhada quanto a de Jaeger, tão pouco se fale sobre a educação especificamente infantil. Deve-se recordar, porém, que a intenção de Jaeger é tratar da *formação do homem grego*. Com Jaeger, nos damos conta de que, como muitos outros termos pertinentes à área pedagógica, também o termo *formação (plattein)*, em seu sentido educacional, foi usado pela primeira vez pelos gregos (Platão, **A república** 377 B; **As leis** 671 E).

2.1 O cuidado da criança nas epopeias homéricas

De acordo com Lattimore, “o propósito do épico homérico é principalmente contar histórias. Sua matéria é tirada de uma série de eventos que ocorreram [...] antes do século XII a.C. [...] Materialmente, então, o épico homérico conta histórias da época heroica, cerca de 400 anos depois, pelo menos, dos próprios eventos.”²⁸ Platão considera que Homero *educou (pepaidenken)* toda a Grécia (**A república** 606 E). Jaeger insiste em que

²³ HOMERO. *Iliada*. Edição bilingue. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003-2002. v. 1-2; HOMERO. *Odisseia*. Edição bilingue. Tradução: Donald Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2007-2008. v. 1-3.

²⁴ VENTRIS, Michael; CHADWICK, John. Evidence for Greek dialect in the Mycenaean archives. *The Journal of Hellenic Studies*, n. 73, p. 84-103, 1953.

²⁵ HAMMOND, N. G. L.; SCULLARD, H. H. (Eds.). *The Oxford classical dictionary*. 2. ed. Oxford: Clarendon, 1987. p. 715.

²⁶ JAEGER, 2001, p. 10.

²⁷ JAEGER, 2001, p. 13.

²⁸ LATTIMORE, Richmond. *Hesiod*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988. p. 1.

o método predileto de Homero era a provisão de modelos²⁹. A tradição educacional homérica, cristalizada em forma escrita no início do século IX ou século VIII a.C., mas cujo conteúdo remonta a uma tradição oral muito anterior que retrocede talvez até o século XIII a.C., guarda inúmeras semelhanças com a tradição bíblica. Sua dicção depende de rápidas biografias dos heróis que servem de modelos e o teor de seus conselhos tem considerável valor prático e moral. Os textos homéricos evidenciam, além disso, uma intensa preocupação dos pais com os filhos. Um exemplo disso ocorre quando Glauco relembra os conselhos de seu pai Hipóloco: “advertiu-me insistentemente de que lutasse sem cessar por alcançar o poder da mais alta virtude humana” (*Iliada* 6.208). O mesmo conselho é dado por Peleu ao filho Aquiles (11.783-784). A expressão “alcançar o poder da mais alta virtude humana” é uma tradução adequada (feita por Jaeger) para o verbo *aristeuein*, de onde temos palavras como, por exemplo, “aristocracia”. Uma outra forma de traduzi-lo seria “alcançar a excelência”.

Apesar de esparsas, as referências ao cuidado para com as crianças encontram-se presentes nos escritos homéricos em proporção e natureza semelhantes àsquelas dos textos bíblicos. Na *Iliada*, Homero elogia a mãe gentil cujo cuidado pelos filhos a leva a afastar, da criança que dorme, a mosca que a incomoda (4.130-131), e revela o apreço do guerreiro pelos filhinhos que o chamam de “papai” (5.408). Talvez uma das mais belas passagens da *Iliada* ocorra justamente quando o pequeno filho de Héctor se assusta com o pai ainda vestido em sua armadura (6.398-410; 466-473). A terna sensibilidade demonstrada pelo poeta, ao relatar o episódio famoso da guerra de Troia, sugere que os gregos, já nos primórdios de sua civilização, tinham em alta conta o cuidado afetuoso das crianças. Aliás, a vontade que tanto os troianos (8.55-57) quanto os gregos (15.495-498; 661-666) expressam, durante os combates, é a de “defender os filhos e as esposas”. Da mesma forma, amar “como um pai” (*hós patér*) constitui emblema de uma elevada forma de consideração entre os nobres da Grécia (9.57, 481-482). Se os

gregos não concedessem às criancinhas o cuidado que demandavam, dificilmente o amor paternal teria ganhado tão alta estima entre eles. De fato, a expressão “filho amado” (*philos pais*) ocorre com tanta frequência na *Iliada* (2.713; 7.44; 16.460 e 586; 18.147, por exemplo), que se tornou o equivalente prático de “meu filho”.

A atenção dos gregos às crianças se manifesta mesmo nas coisas mais corriqueiras de sua experiência: por isso, em um símile, Homero adverte que as crianças não devem provocar as vespas, a fim de não as espalhar pelos caminhos (16.259-262) e também descreve a alegria inocente de uma criança que brinca na areia (15.362-363). Além disso, a perda de um filho era considerada grande motivo de consternação para os pais (20.210; 22.52-53; 405-435; 23.222-223; 24.84-86, 241-242, por exemplo). Pelo relato de Homero, também nos chega a informação de que os gregos envolviam as crianças nas atividades produtivas do trabalho agrícola. Embora se deva descartar a dimensão de idealização comum à poesia, a *Iliada* (18.566-572) retrata o trabalho infantil como sendo didático e alegre.

As referências ao cuidado das crianças na *Iliada* aparecem principalmente nos famosos símiles de Homero. Isso se repete na *Odisseia*. Se uma preocupação frequentemente expressa naquela é defender a família, nesta, o objetivo é o retorno ao lar. Ulisses viaja por terras distantes na tentativa de rever a esposa Penélope e o filho Telêmaco. Na *Odisseia*, também a expressão “filho” ou “filha querida” é recorrente (1.278; 16.337; 17.38) e “amor como de um pai” é igualmente tido em alta estima (1.308). Um valor em que a *Odisseia* insiste é que os filhos sigam o exemplo dos pais, imitando-os (2.276-280; 3.200). Ulisses chega a declarar: “meu filho é minha constante preocupação” (14.174). De fato, inicialmente, a principal crítica de Ulisses aos ciclopes selvagens é de que estes não “demonstravam solidariedade” (*alegein*) uns para com os outros e “eram excessivamente rígidos” (*themisteuein*) para com as esposas e as crianças (9.114-115). Dessa forma, o desrespeito às necessidades do próximo, das mulheres e das crianças era considerado, pelos gregos, uma evidência de incivilidade. Além disso, a epopeia

²⁹ JAEGER, 2001, p. 37-60.

apresenta o arrependimento de Helena por ter fugido para Troia, lamentando principalmente o fato de ter ficado separada de sua filhinha e esposo (4.260-264).

Os momentos felizes da infância são lembrados com frequência pelos homens gregos. A expressão “quando era criança” (*paidnos eôn* ou *nêpios éa*) é comum na **Odisséia** (2.313; 18.216, 229; 19.19; 20.310; 21.95; 24.338, por exemplo). Nos aspectos mais comuns da vida, a epopeia apresenta a preocupação dos pais diante da enfermidade prolongada de um dos filhos (5.394), os conselhos da mãe para evitar que um filho se apegue às más companhias (18.166-167), os beijos e abraços carinhosos dos avós (19.415-417), a iniciação dos meninos à arte da caça (19.429-454), os cuidados prestados quando um menino se acidenta (19.455-466) e o pesar pelo falecimento de uma criança (19.521-523; 24.56).

Conclusão

A comparação do cuidado à criança recomendado pela Bíblia Hebraica (principalmente no Pentateuco e nos livros sapienciais) e aquele presente nos escritos pertinentes aos primórdios da educação grega revelaria a mesma atenção paterna e materna às necessidades dos pequenos, a mesma ansiedade com respeito aos aspectos morais de sua formação, o mesmo pesar pela enfermidade ou falecimento de um filho (2 Sm 12:15ss), a mesma preocupação com sua disciplina (Pr 22:15; 23:13; 29:15) e o mesmo desejo de apresentar sugestões práticas para a instrução das crianças.

Talvez a declaração da Bíblia Hebraica que mais tenha influenciado a concepção cristã da educação infantil seja Pr 22:6, “instrui a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”. Mesmo sem levar em consideração as complexas questões relativas à cronologia dos livros sapienciais, duas coisas se podem dizer sobre a passagem. Em primeiro lugar, não há nenhum fato que nos obrigue a entender a palavra hebraica *na' ar* como se referindo, de fato, a uma criança. O termo pode muito bem significar “jovem” (“rapaz” ou “moça”). De fato, a forma feminina de *na' ar* é usada em referência a Rebeca no episódio em que ela é escolhida para esposa de

Isaque (Gn 24:57) e em referência a uma moça que perdera a virgindade (Dt 22:20, 26). A forma masculina é aplicada ao menino Samuel (1 Sm 3:8; 4:21), ao moço que passou adiante de Saul (1 Sm 9:27), ao moço que recolheu as flechas de Jônatas (1 Sm 20:21) e ao jovem Absalão quando este se opôs ao pai, cobiçando-lhe o trono (2 Sm 18:5, 29 e 32). A palavra é ainda usada em Pr 1:4 e a última vez que ocorre na Bíblia Hebraica é em Pr 22:6. Ou seja, em quase todas as suas ocorrências, a palavra não significa “criança”, mas “jovem”. Portanto, não podemos estar completamente seguros de que a expressão de Provérbios se refira mesmo à educação infantil. Em segundo lugar, o teor do texto não é absolutamente original. Encontramos uma declaração bastante semelhante no autor grego Eurípides (**As suplicantes** 916-917): “o que se aprende como criança (*pais*), não se esquece quando velho”. Além disso, o texto de Pr 22:6 encontra-se ausente dos manuscritos da Septuaginta. Até onde se saiba, não foi traduzido para o grego na Antiguidade e pode, inclusive, ter sido um acréscimo posterior à Bíblia Hebraica, já que não dispomos de nenhum manuscrito hebraico que seja anterior ao período de tradução da Septuaginta. Em realidade, não há como provar, com base na Bíblia Hebraica, que a educação judaica privilegiasse, de alguma forma, a educação infantil antes dos sete anos de idade. É mais provável que, como no caso da educação grega, as crianças simplesmente ficassem em casa com a mãe e dela recebessem sua instrução. Qualquer distinção, com base na faixa etária, entre a educação judaica e a grega é artificial e não corresponde ao que sugere a literatura da época. O fato de, no século V a.C., Hipócrates (**De septimanis** 5.13) dividir as fases da vida humana em oito períodos de sete anos, atribuindo ao primeiro período o título de “infância” (*paidion*, literalmente “criancinha”), nada mais do que confirma que os gregos estavam mais próximos de reconhecer a importância educacional dessa fase do que outros povos antigos. Segundo o famoso médico grego, esse primeiro período durava do nascimento até “a perda dos dentes de leite” (*odontôn ekbolê*), isto é, até aproximadamente os sete anos de idade, e era seguido pela segunda fase, que ele denomina de “criança” (*pais*), que chegaria até os quatorze anos. As fases seguintes são chamadas

por ele de “adolescente” (*meirakion*), “jovem” (*neaniskos*), “homem” (*anêr*) e “ancião” (*presbytês*). Depois disso, o homem grego era chamado de “velho” (*gerôn*).

No que nos chegou da literatura grega que antecede o século VII, encontramos mais de 200 referências à palavra grega *pais*. Apesar de nem todas se aplicarem às crianças, já que a palavra pode simplesmente significar “filho” ou “filha”, trata-se de um número considerável de ocorrências, o que atesta a preocupação que sempre esteve presente no pensamento grego com respeito às crianças. Não se deve rejeitar apressadamente os épicos homéricos como expressão aceitável dos ideais gregos do século XIII ou XII, ocasião da guerra de Troia. Foi a tradição oral iniciada pelas batalhas dessa guerra que culminou nas epopeias de Homero no século IX ou VIII a.C. Ou seja, Homero fala principalmente de tradições que, em muito, antecederam o período em que seus poemas receberam a forma escrita. É preciso, no entanto, reconhecer que um processo parecido, embora não tão longo, proporcionou, por exemplo, a escrita dos livros sapienciais da Bíblia Hebraica. Muitos estudiosos consideram que o processo de compilação de provérbios iniciado por Salomão sofreu uma importante revisão em época posterior, quando pode ter sofrido, inclusive, influências da literatura grega³⁰.

Portanto, pode-se concluir que as evidências literárias apontam para o início da educação grega no período micênico (séc. XVI-XII a.C.). Embora seja verdade que, em grande medida, os gregos antigos sempre souberam se reinventar, pode-se considerar que seria impossível que uma tradição poética se materializasse do nada no século IX ou VIII a.C. Ou seja, os épicos homéricos só puderam ser escritos, de forma tão elegante, porque se beneficiaram de uma longa tradição oral iniciada pelo menos 400 anos antes. Em segundo lugar, à

pergunta se os gregos se interessaram pela educação infantil nos primórdios de sua civilização, pode-se responder enfaticamente que eles se interessaram pelo menos na mesma medida e proporção que este interesse pode ser sentido na literatura contemporânea dos hebreus. Não se deve, nem se pode falar que os hebreus tenham dado mais atenção ao cuidado das crianças do que os gregos o fizeram. O que se pode falar é que, desde o início, os gregos demonstraram um pendor mais natural para a sistematização e a teorização do processo educacional do que os hebreus. Além disso, os gregos parecem ter sido mais felizes em contemplar as dimensões teóricas e práticas, concretas e abstratas desse processo.

Não é necessário, contudo, diminuir o valor da tradição judaica para promover a importância da educação grega. O que os gregos nos legaram fala por si só. Da mesma forma, a instrução moral encontrada nos relatos da Bíblia Hebraica é admirável. Quando comparada com o padrão da Antiguidade, seu valor para promover o desenvolvimento do caráter do homem é inegável. Por isso mesmo, tampouco é necessário diminuir a vital importância da contribuição grega quando se busca estabelecer a natureza do legado hebreu. O melhor é reconhecer que essas duas tradições deram grande contribuição para a formação da tradição educacional do Ocidente e para o reconhecimento da educação infantil como importante fase do processo de formação do cidadão.

[Recebido em: março de 2011,
aceito em: maio de 2011]

³⁰ HEINISCH, Paul. *Die griechische Philosophie im Buche der Weisheit*. Münster, 1908; MOMIGLIANO, Arnaldo. *Alien wisdoms: the limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971; TORRES, Milton L. *A influência do conceito de felicidade da poesia arcaica grega na literatura judaica pós-exílica*. VIII Semana de Pós-graduação em Estudos Clássicos e Medievais da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.